

Maria José Nogueira Pinto

A falta que nos faz

Recordo a amiga generosa, inteligente e determinada, mulher de ideias, de causas e de convicções, que conheci quando ambos entrámos na Faculdade de Direito de Lisboa (tínhamos 17 anos).

POR GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS
PRESIDENTE DO TRIBUNAL DE CONTAS
MEMBRO DO CONSELHO EDITORIAL DE NOVA CIDADANIA

Sempre encontrei nela uma especial atenção aos outros e à justiça, que, com o tempo, se foi acentuando – com abertura e afetuosidade. E a verdade é que se foram tornando evidentes convergências significativas quanto à necessidade de renovar as políticas sociais, de recusar a pura lógica do mercado, de combater a lógica de casino e de apontar para a diferenciação positiva, em nome da dignidade humana. Há muito pouco tempo (parece ontem, porque a doença foi rápida e fulminante), debatemos longamente a última encíclica do Papa Bento XVI «Caritas in Veritate» e voltámos a convergir, naturalmente, na recusa de uma lógica mercantilista. Por isso, empenhou-se, na fundação criada por Maria de Lourdes Pintasilgo, na missão exigente de fazer da justiça um ato permanente amoroso e emancipador. Daí a importância que dava a «cuidar o futuro», às «redes de proximidade» e aos «corpos intermédios», em termos atuais e modernos para responder à crise do Estado-providência, pela ação responsável do Estado e da Sociedade, com pessoas e comunidades concretas, no sentido da cidadania ativa e de uma Sociedade-providência. O seu percurso profissional

fez-se assim de entusiasmo genuíno e de causas: o serviço público e a justiça na Maternidade Alfredo da Costa e na Misericórdia de Lisboa; o bem comum e a criatividade na cultura, no cinema; e a magistratura cívica na Camara Municipal de Lisboa, na Assembleia da República...

Quando ouvi a leitura das bem-aventuras ou quando o Padre José Tolentino Mendonça recordou a serenidade com que ela (quase sem o deixar falar) lhe disse, há pouco, que «Deus ama quer os vivos quer os mortos», percebi que a experiência da fé só pode ser vivida, por cada pessoa de forma irrepetível, como sinal da graça de Deus, esse dom fantástico que permite ligar a razão e a esperança. Encontrámo-nos, em mil circunstâncias. Estou a ouvi-la chamar-me, com a sua voz inconfundível, a perguntar sobre as coisas mais diversas (e sabia muito bem ouvir). Na Rádio Renascença, no final dos anos noventa, encontrávamo-nos todas as semanas na «Prova dos Quatro», a debater o País e o mundo, com Maria João Avillez e

João Amaral. Entre mim e ela eram mais as convergências que as divergências, por causa dos valores e das políticas sociais. O José Cutileiro lembrou e bem o Ruy Cinatti: «Eu fui criado à direita mas puxa-me o corpo para a esquerda e o que vejo por aí é o contrário». Outras vezes, em sua casa ou em A-dos-Negros, até desoras, com o Jaime e a família, discutíamos tudo acaloradamente (sem ponta de má língua) – a política, o serviço público, os políticos, as ideias. Uma vez, fez entrar nessas nossas conversas (para gáudio de todos) Nelida Piñon, persona-



lidade fascinante de horizontes abertos e inteligência fulgurante. Foi um deslumbramento ouvi-la falar sobre a literatura e a vida. Não fazia sentido falar sem paixão sobre as coisas do mundo. As diferenças vinham naturalmente à tona, mas o essencial era a procura da dignidade. Os seus argumentos faziam sentido, eram convincentes, claros, e como fazem os mais sábios, era sempre capaz de se colocar no lugar do outro, enquanto antagonista de ideias. Essa qualidade extraordinária permitiu-lhe ligar o sentido prático do serviço e a solidez dos argumentos e dos projetos. Como S. Paulo, combateu o bom combate. Sentimo-lo intensamente. O exemplo é a principal lição. E o tempo cimentou a nossa amizade como uma relação de confiança e admiração. «O Senhor é meu Pastor, nada me falta» (Sl., 23, 1). Não me sai da memória o verso do Salmo que Maria José Nogueira Pinto escolheu para encerrar o belíssimo texto que escreveu pouco antes de nos deixar. Diz tudo de como era, e da falta que nos faz. ::